

American Express estuda projetos avaliados em até US\$ 150 milhões

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

O americano American Express Bank Ltd. (Amex) está estudando projetos de conversão da dívida externa brasileira em investimento, avaliados entre US\$ 100 milhões e US\$ 150 milhões. São projetos nas áreas de papel e celulose, hotelaria e turismo, alimentos, imobiliária e financeira.

Os negócios estão sendo analisados pela International Capital Corp., (ICC) uma subsidiária integral do Amex, criada no final de 1986 com a finalidade de identificar oportunidades de investimentos nos países onde o banco possui uma carteira de empréstimos, explicou seu diretor Sidney Cândido Faria.

A ICC, que é também uma empresa de participações, faz as recomendações de investimentos ao banco. Se o banco aceitar o projeto, ele subscreve um aumento de capital na ICC, integralizado com os títulos da dívida, que concretiza a conversão em investimento, com esses recursos.

Através da ICC, o American Express foi líder na conversão da dívida externa brasileira em investimento no ano passado, afirmou Faria, ao transformar em capital de risco US\$ 105 milhões que possuía na carteira de empréstimos ao País. Contando com os US\$ 9 milhões convertidos pela TRS, empresa do grupo que cuida da área de cartão de crédito, o total sobe para US\$ 114 milhões.

As conversões feitas no ano passado seguiram as normas antigas, que permitiam que a operação fosse feita pelo valor integral do título. As novas, porém, se sujeitarão às regras atuais, o que inclui o deságio. Segundo Faria, o American Express não rejeita a conversão com descontos dos próprios títulos da dívida que possui em carteira. "A questão é levantar se o investimento continua atraente com o deságio", disse Faria explicando que, se o dinheiro aplicado é menor, por causa do desconto, a taxa de retorno deve ser suficientemente maior para compensar.

"A seletividade aumenta; e as opções diminuem", segundo Faria, que acrescentou que a ICC já é bastante seletiva. "Os projetos até agora aprovados representam no máximo um quinto do total analisado."

Entre os setores que a ICC analisa no momento, Faria cita o de hotelaria e turismo como bastante interessante, especialmente para o grupo que tem forte sinergia por causa dos negócios com cartão de crédito. Nada menos do que catorze empreendimentos nessas áreas estão sendo avaliados.

Investir dentro do próprio setor financeiro, em que já atua, não é uma possibilidade descartada, embora a instituição já tenha no País também uma distribuidora, financeira e empresa de leasing. E, de um modo geral, Faria cita como interessantes todas as atividades que tenham

um bom mercado interno e exportem bastante.

DIVIDIR O RISCO

Para reduzir o risco do investimento e garantir-se da taxa de retorno esperada — condições especialmente importantes no caso da conversão sem deságio —, a ICC criou neste ano uma área que está estudando oportunidades de investimento que possa participar com outras empresas.

A idéia é estudar investimentos em que possam participar outros bancos. Ou então empresas multinacionais. "Entrando com alguém que é do setor, e tem tecnologia na área, dá mais segurança quanto à qualidade do projeto; e é uma forma de atrair mais dinheiro para investir."

De toda forma, Faria lembrou que a legislação permite que o dinheiro mude de destino, dentro do prazo de doze anos em que deve ficar no País, uma abertura pouco destacada pelos especialistas que trabalham na área.

A MAIOR FATIA

A ICC já converteu US\$ 241 milhões dos créditos que o American Express possui em carteira de diversos países. O Brasil, com os US\$ 114 milhões, ficou com a maior fatia, seguido pelo México, com US\$ 79 milhões; pelo Chile e Filipinas, cada um com US\$ 24 milhões.

A maior operação de conversão feita no Brasil pelo banco foi o investimento de US\$ 54,3 milhões na Cia. Nordeste de Participações (Conepar), holding do gru-

po Econômico para investimentos no setor petroquímico. Nesse caso, a ICC adquiriu 36,2% do capital social da Conepar, comprando parte das ações cedidas pelos outros acionistas, o Banco Econômico de Investimento S.A., Econômico S.A. Empreendimentos e CST — Engenharia e Processamento S.A.

A Conepar participa do capital da Polialden, Ciquine, Politen, Metacril e Cooperbo, as quatro primeiras do Pólo Petroquímico de Camaçari (BA); e a última, da cidade do Cabo (PE).

A operação com a Conepar, que ficou com pouco mais da metade do total convertido pela ICC no Brasil, foi aprovada pelo Banco Central (BC) em dezembro passado, e anunciada no início do ano.

Antes disso, em abril de 1987, a ICC já havia feito uma conversão no setor da agroindústria. Trata-se de um projeto de produção de frutas, juntamente com a Frutab, localizado em Petrolina (PE), do qual a ICC tem metade do controle, com uma participação de US\$ 5 milhões. Esse projeto mais a conversão na Conepar tornam a região Nordeste a que mais recebeu recursos provenientes da conversão da dívida em investimento entre os feitos pelo banco americano.

Os restantes foram investimentos na região Sudeste, que ficou com US\$ 46 milhões, distribuídos entre a área imobiliária (US\$ 18 milhões), a área têxtil (US\$ 17 milhões) e a de equipamentos de comunicação (US\$ 11 milhões).

Em dois casos, a ICC associou-se ao grupo do empresário carioca Ivan Botelho. Primeiro na operação de privatização da empresa têxtil Nova América, comprada pela Multitêxtil do grupo de Botelho. A ICC assumiu uma participação de 30% na Multitêxtil, responsável pelos US\$ 17 milhões investidos na área têxtil.

E já neste ano, a ICC assumiu de 47 a 48% da Multitel, também do mesmo grupo carioca, aplicando US\$ 11 milhões.